* indonesia q está aqui presente, as minhas saudações de amizade

TL 4547

A Mulher Timor
e o seu papel na resistência

Saúdo as pioneiras da Libertação da Mulher Timor.

Saúdo todas as mulheres que tombaram pela Patria.

Saúdo as mães que perderam os filhos, as esposas que perderam os maridos.

E A todos os participantes desta Jornada e em especial ao grupo activista *

Em qualquer guerra, quem sofre mais é a mulher e a Resistencia em Timor-Leste tem tido a dimensão das dores das mães e das lágrimas das esposas e do sofrimento que todas as mulheres jovens têm recebido.

Desde o inicio, a mulher timor não recusou sacrificios, a mulher timor não foi uma mera espectadora dos acontecimentos.

Maria Goreti é um simbolo, para recordarmos milhares de Marias Goreti que tiveram a mesma bravura e o mesmo fim. A (mulher do Nicolau) Isabel Barreto é um outro símbolo, para recordarmos outras milhares de esposas que tombaram pela Pátria.

Desde o inicio da invasão, a mulher timor tombou lado-a-lado com o seu parceiro, [redacted], o homem.

As difíceis evacuações das vilas para o mato, nos primeiros meses da invasão, tiveram a participação integral da mulher, carregando filhos e haveres, enquanto os homens eram chamados para combater o poderoso invasor.

Durante os primeiros três anos, era a mulher timor que mais trabalhava nas hortas e várzeas para alimentar os seus filhos e alimentar as forças armadas que tentavam deter o avanço do inimigo.

Nas grandes operações de 1977 e 1978, as longas e durissimas marchas, sob o bombardeamento aéreo, a mulher timor foi também a vitima da guerra. Com os filhos ao colo, deixando todos os haveres, a mulher timor assistiu ao verdadeiro horror da guerra. Velhos e adúltos e crianças que morriam por doença e fome, pessoas atingidas pelos bombardeamentos e pelas balas das tropas assassinas, seus maridos, seus irmãos, seus filhos capturados e assassinados.

Como se isto não bastasse, ela própria, a mulher timor, teve que sofrer ainda a humilhação de ser violada.

Desde o inicio da invasão, o sangue do Povo de Timor-Leste misturou-se sempre com as lágrimas das [redacted] mulheres. Os sofrimentos do Povo de Timor-Leste levavam as dores do corpo e da alma da mulher timor.

Nas vagas de desmantelamento da organização clandestina, as mulheres recebiam sempre a quota mais pesada dos sacrifícios. Se não era uma mulher assassinada ou também presa, era à mulher que ficaria entregue o sustento dos filhos.

Na própria activação dos trabalhos da resistência, a mulher desempenhou sempre um papel especial. Sempre que os homens se encontram em situação dificil, vigiados, perseguidos ou presos, são as mulheres que executam os trabalhos, desde os de contacto aos de responsabilizarem-se por tarefas concretas da organização. E a mulher timor cumpriu sempre com exemplar dedicação.

As que permaneciam no mato ajudavam os guerrilheiros, como quadros politicos mantendo o moral das forças, como agentes sanitários cuidando dos feridos e doentes, ou cozinhando ou remendando as roupas dos seus irmãos combatentes.

A resistencia timorense não existe se a participação da mulher não é plena e integral. Na resistência timorense, talvez só a tarefa de pegar em armas ainda não é da mulher; não há tarefas exclusivas do [redacted] homem e tarefas exclusivas para a mulher.

Se o marido não pode, a esposa pode, se o filho não pode, a mãe fará, se um mancebo não pode, uma jovem será indicada para o trabalho.

Não é raro o caso em que uma mulher participa na organização, sem dar a conhecer ao marido, ou porque o toma como indeciso ou porque sabe que é medroso ou até por temer que o marido não suporta as torturas e venha a denunciar tudo, quando acontecesse algum revés à organização.

São incontáveis as viúvas que hoje passam enormes dificuldades para sustentar os filhos ainda pequenos, ou para garantir uma educação aos filhos se já crescidos.

E não foram poucos os casos em que, das mulheres, partiu a iniciativa de restabelecer contactos com as organizações de outras áreas ou a iniciativa de reorganizar a aldeia, abalada por algum desmantelamento.

A resistência em Timor-Leste é, na sua totalidade, do povo timorense. E a mulher Timor [redacted] coloca-se na resistência com uma dupla função - participar [redacted] na luta e transmitir aos filhos a consciência da pátria e o sentido da resistência.

E é sob este cenário de lágrimas e de perdas, sob esta pressão da guerra e sob os efeitos que o corpo e o espirito recebe, dia atrás dia, nestes 21 anos e meio de resistência, que se transmite, dentro da familia ou nos círculos das aldeias, a contínua chama da luta.

Foi assim que a juventude timorense cresceu com uma extraordinária consciência do dever para com a Pátria e se tornou, muito cedo, num outro componente da luta, onde a mulher timor também esteve presente... ate mesmo na invasão as embaixadas.

A mulher timor sabe que não há aspecto da luta, que não há trabalhos da resistência onde ela não pode ser incluida.

Habitualmente, em qualquer sociedade, o homem aparece como o herói, o forte, o que pode e o que faz tudo e a mulher o lado fraco, o lado sentimental ocupando o lugar secundário.

Nas sociedades modernas, a emancipação da mulher é um ideal sublime, um objectivo a ser alcançado e até constitui a luta do dia-a-dia. Nos povos sub-desenvolvidos, este objectivo é ainda um programa de luta das mulheres de todo o mundo.

A opressão da mulher, discriminação e outros aspectos sociais que diferenciam as oportunidades e os direitos da mulher aos do homem, são os temas para as acções em prol da emancipação da mulher.

Em Timor-Leste, este ideal ainda permanece um conceito, deslocado no tempo.

A razão é que Timor-Leste está militarmente ocupado pelas assassinas tropas indonesias e o povo [redacted] é violentado, é oprimido.

Quantas mulheres, por recusarem ser violadas, preferiram a morte. Quantas outras tiveram que aceitar uma situação desgraçada, destruindo familias.

E não foram poucas as que sucumbiram, depois de violadas por pelotões inteiros.

Quantas jovens timorenses não foram presas e objectos das mais desumanas formas de tortura e violação.

A mulher timor é a componente da Resistência que mais sofre nesta guerra. A mulher timor sabe que, se não liberta a Pátria, não pode falar ainda dos seus direitos como mulher, não pode contribuir na plenitude das suas capacidades com vista a edificar uma sociedade livre e justa.

Enquanto Timor-Leste está ocupado pelas assassinas tropas indonesias, enquanto a vida em Timor-Leste continuar sob o controle da administração militar colonial, só cabe ao povo [redacted] lutar pela libertação da Patria prioritariamente.

Como todos sabemos, a independência não é um fim, mas um meio. Um meio para libertarmos o Povo da escravidão colonial, da opressão colonial, para libertarmos o Povo dos sofrimentos que a ocupação militar indonésia está causando.

Independência é um meio para libertarmos as nossas energias criadoras, para darmos nova orientação às nossas capacidades, para termos oportunidade de construirmos a nossa Nação, como nós queremos e como a desejamos deixar para os nossos vindouros.

A mulher timor tem consciência disso . Sabe que, como a parte mais oprimida de uma sociedade, a sua luta pela sua própria emancipação não alcançará sucessos, se antes não tiver libertado a Pátria, o Timor-Leste.

É, neste sentido, que a mulher timor está consciente de que não pode ainda identificar-se totalmente como mulher timor, num tempo em que a guerra a consome e o colonialismo indonésio a apresenta como mulher de uma nação, que a está oprimindo.

A sua melhor identificação como mulher timor é a sua participação na luta, uma participação na maioria dos casos anónima, uma participação quase sempre desconhecida.

A participação da mulher timor pode ser comparada ao papel que tantos combatentes das FALINTIL desempenham na luta. São os actores anónimos da resistência armada, deixaram tudo ao ponto de estar pronto a dar a sua vida pela Patria; os seus cadáveres testemunham o seu sacrifício, desconhecidos, ficando apenas nas lembranças da secção, do pelotão e da companhia a que pertenceram.

Como os combatentes das FALINTIL, a mulher timor só sabe que tem que lutar, que tem que participar, que tem que aceitar sacrificios para poder libertar a Pátria. A mulher timor sabe que não pode ficar indiferente se se quer livrar da opressão colonial, se quer ir ao encontro da liberdade, se quer defender os seus direitos e se quer identificar-se, perante o mundo, como mulher. [redacted]

Em muitos paises em desenvolvimento e até em paises desenvolvidos, assiste-se a uma continua luta pela igualdade de oportunidades, pela igualdade de direitos entre o homem e a mulher.

Assim, quando uma mulher alcança uma posição, seja económica seja política em igualdade com o homem, a sociedade fica satisfeita e as mulheres sentem-se confortavelmente honradas.

Na região da Asia, uma Cory Aquino, uma Aung San Su Qui e a própria Megawati constituem um exemplo e inspiração nas lutas politicas contra os regimes opressivos e ditatoriais.

Neste aspecto, o politico, a mulher timor no interior da Pátria não pretende ser ambiciosa. Em Timor-Leste, toda a mulher timor, velha ou adulta, jovem ou criança, instruida ou analfabeta, só tem uma prioridade à sua frente: a libertação da Pátria!

A politica que percebe, a politica que pratica é a de consolidar a Unidade Nacional e participar intensa e efectivamente na luta. Em meio de um clima de permanente tensão, em meio de dificuldades do dia-a-dia, e dos dobrados sacrificios por que têm que passar, as mulheres timorenses não têm tempo para estudar política, não têm tempo para perceber partidos!

A mulher timor sabe que, quanto mais participa na luta, mais deve cuidar dos aspectos de segurança da própria luta. A mulher timor percebe que a libertação da Pátria é um dever de todos os filhos de Timor-Leste sem discriminação de qualquer ordem.

A mulher timor sabe que todos os partidos politicos e grupos nacionalistas que hoje dividem a sociedade politica timorense têm um comum e primordial objectivo a conseguir - a libertação de Timor-Leste!

A mulher timor, lado a lado com o marido, sabe que a situação actual da Pátria exige de todos os timorenses um mesmo pensamento, uma mesma aspiração, um mesmo desejo, uma mesma voz e um único esforço.

Um mesmo pensamento, a Pátria; uma mesma aspiração, a independência; um mesmo desejo, a participação sem compromissos na luta; uma mesma voz, a sintonia de posições e o mesmo consenso em questões pontuais da estratégia da luta; um único esforço, a real e efectiva coordenação entre as actividades do todo, da cada parte em relação às outras e de cada um em relação aos outros.

A resistência em Timor-Leste seria um desastre, se na Ponta Leste, a organização clandestina actuasse de uma maneira e na fronteira, de outra. Do próprio enclave de Oe-kusi, que não conheceu as consequências destes 21 anos de guerra, a população participa sob um plano de acção para toda a resistência.

É este exemplo que queremos trazer para os politicos timorenses no exterior.

Em nome da mulher timor, chamo a atenção para o desejo de cada partido organizar-se estruturalmente na Pátria. A mulher timor so tem uma politica para o tempo actual da guerra - lutar para libertar a Pátria! Em Timor-Leste, a mulher percebe que todos os partidos e grupos politicos estão fazendo é a defesa do direito de Timor-Leste à independência.

Se não ficamos independentes, nenhum partido tem a capacidade como partido, a sua existência não tem nem bases nem futuro. Em nome da mulher timor, peço aos dirigentes dos partidos e grupos politicos para nunca esquecerem isto: se não ficamos independentes, não haverá partidos em Timor-Leste!

Por outro lado, a mulher timor fica confusa sobre partidos, sobre o que cada partido quer, o que pretende fazer, depois da independência.

Politicamante, cada partido e grupo politico, deve ficar esclarecido que dois terços da população timorense, as mulheres, estão despolitizadas. [redacted]

Eu creio que, depois da guerra, teremos suficiente tempo para esclarecermos o nosso povo, para eduacarmos politicamente as novas gerações, como garantia de que saberão escolher porque saberão o que querem de melhor para a Patria, para a Nação.

Eu trago um especial apelo da mulher timor que sofre na Pátria às suas irmãs, vivendo no exterior.

Nós sabemos que vós, queridas irmãs, sentis a saudade pelo nosso torrão natal, que sofreis na alma as mesmas dores que sentimos em Timor-Leste. Nós sabemos que vós, queridas irmãs, participais no que podeis para continuar a manter visto o nosso caso, lado-a-lado com os nossos líderes. Também sabemos que vós, queridas irmãs, lamentais como nós a falta de uma melhor unidade, de uma real unidade na cúpula da Direcção da Resistência Timorense, em serviço no Exterior.

O apelo que eu trago, é que vós, mulheres, filhas de Timor-Leste, vos unais

em uma grande frente para pressionar politicamente os dirigentes dos partidos e grupos politicos a se comprometerem, de verdade, a uma melhor observância da Unidade Nacional. Já lá vão 21 anos e meio e ainda continuamos divididos em questões pontuais da luta. Continuando a confrontar-se assim no Exterior, não seremos capázes de dar passos seguros em frente.

Enquanto isso, Jakarta continuará a mandar força para Timor-Leste, continuará a prender, a torturar e a matar. Enquanto isso, Jakarta continuará a mandar mais transmigrantes para a nossa Pátria.

Cada Partido deve ficar convencido de que se os seus dirigentes não se comportam em defesa da Unidade Nacional, se não se esforçam em alcançar essa Unidade em questões de carácter estratégico da luta, se não se esforçam em proteger essa Unidade, o próprio Partido não terá sequer simpatizantes em Timor-Leste.

Cada Partido deve provar ao nosso Povo que está totalmente comprometido com os supremos interesses da Nação, cada Partido deve provar ao nosso povo que não está para aqui arranjando apenas dificuldades à luta, travando apenas esforços de outros lideres, pensando apenas nos interesses pessoais e partidários.

Cada partido deve ter na mente que o nosso Povo acompanha a guerra de bocas, entre dirigentes politicos, que o nosso Povo compreende as diferentes tomadas de posição adoptadas pelos dirigentes politicos.

Cada partido e grupo politico deve saber que o nosso Povo está preparado para ser o juiz das actuações dos lideres politicos.

Antes que cada partido ou grupo politico pense em organizar-se estrutural - mente em Timor-Leste, cada um deve primeiramente pensar que não deve decepcionar o nosso Povo. O nosso Povo não sofre em termos passivos, como que à espera que os dirigentes politicos façam alguma coisa em favor dele!

O problema é que o nosso Povo luta! E o nosso Povo exige aos dirigentes politicos timorenses no exterior que sejam mais humildes, no pensamento e na prática, que dirijam as suas ideias e as suas acções num consenso para acabar com os sofrimentos em Timor-Leste!

Repito o especial apelo que mulher timorense me entregou, dirigido às suas irmãs no Exterior. Façamos uma renovação nas nossas mentes e comecemos uma campanha para pressionar os nossos dirigentes politicos a comprometerem-se de verdade com a Unidade Nacional.

Que todas as facções politicas cheguem a um compromisso politico em questões pontuais da luta!

Sem isso, no interior de Timor-Leste, o nosso povo continuará a sofrer indefinidamente e, no exterior, os politicos timorenses não terão aprendido nada do sofrimento do nosso Povo.

Espero que todas as mulheres aqui presentes sejam a porta-voz do nosso sofrimento à todas as mulhere que ignoram a nossa existência.

Muito obrigado.

Isabel Corte-Real Soares